



DESIGUALDADES SOCIAIS E IGUALDADE DE DIREITOS DO HOMEM E DA MULHER

As desigualdades sociais provenientes das mais variadas condições econômicas e espirituais dos vários povos da Terra, são sempre “(...) obra do homem e não de Deus. (...)” (02) Deus, na realidade, criou os Espíritos iguais e destinados ao mesmo fim, mas os homens, por força das imperfeições morais que ainda possuem, criaram leis, muitas delas injustas e até mesmo cruéis, para regular as relações na Sociedade. Como consequência dessas leis, surgiram as desigualdades sociais, mais ou menos pronunciadas em determinadas nações, conforme o grau evolutivo dos seus constituintes humanos.

No entanto, o progresso segue seu curso ascendente e ininterrupto e a desigualdade social, como tudo que é inferior, “(...) dia a dia ela gradualmente se apaga (...). Desaparecerá quando o egoísmo e o orgulho deixarem de predominar. Restará apenas a desigualdade do merecimento. Dia virá em que os membros da grande família dos filhos de Deus deixarão de considerar-se como de sangue mais ou menos puro. Só o Espírito é mais ou menos puro e isso não depende da posição social.” (02)

Mesmo as desigualdades toleráveis ou normais para a categoria do nosso Planeta deixarão de existir. “(...) não se abolirão tão de pronto quanto os unionistas desejariam e imaginam. (...)” Nem se suprimirão com revoluções, nem com guerras, nem com leis, decretos, ou discursos, distúrbios ou maldições. (06)

As desigualdades desaparecerão de modo lento e gradual, de acordo com o ritmo dos esforços individuais e coletivos, pelo progresso moral, quando então, serão destruídos os privilégios de casta, sangue, posição, sexo, raça, religião etc.

Devemos compreender, porém, que com o banimento das desigualdades sociais não ocorrerá um processo de uniformização dos homens. A espécie humana não se transformará em máquina, em um sistema robotizado. Os homens se orientarão pelas leis divinas, a fim de que os seus pendores naturais possam desabrochar e desenvolver normalmente, sem nenhuma atitude de coerção por parte de quem quer que seja. Haverá, evidentemente, quem ocupe cargos de maiores ou menores responsabilidades, mas, com o adiantamento espiritual, os seres humanos não sofrerão os males do egoísmo, da inveja, do orgulho e do preconceito.

Do mesmo modo, numa sociedade moralizada, não se compreenderá a diferença, que ainda hoje se observa, entre homem e mulher. Neste sentido os Espíritos Superiores perguntam: “Não outorgou Deus a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?” (03) Logo, perante os códigos divinos ambos possuem os mesmos direitos; a diferença de sexo existe por força da necessidade de experiências específicas por que o Espírito precisa passar. Aliás, o Espírito, centelha divina, não possui sexo, conforme as denominações humanas.

Entre o homem e a mulher existe a igualdade de direitos; “(...) das funções, não. Preciso é que cada um esteja no lugar que lhe compete. Ocupe-se do exterior o homem e do interior a mulher, cada um de acordo com a sua aptidão. A lei humana, para ser eqüitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher. Todo privilégio a um ou a outro concedido é contrário à justiça. A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização. Sua escravização marcha de par com a barbaria. Os sexos, além disso, só existem na organização física. Visto que os Espíritos podem encarnar num e noutro, sob esse aspecto nenhuma diferença há entre eles. Devem, por conseguinte, gozar dos mesmos direitos.” (05)

Por mais que se acentuem as mudanças sociais no mundo, haverá sempre diversidade das funções entre o homem e a mulher, por necessidade de planificação reencarnatória. “(...) O homem e a mulher, no instituto conjugal, são como o cérebro e o coração do organismo doméstico.

Ambos são portadores de uma responsabilidade igual no sagrado colégio da família; e se a alma feminina sempre apresentou um coeficiente mais avançado de espiritualidade na vida, é que, desde cedo, o espírito masculino intoxicou as fontes da sua liberdade, através de todos os abusos, prejudicando a sua posição moral no decurso das existências numerosas, em múltiplas experiências seculares.

A ideologia feminista dos tempos modernos, porém, com as suas diversas bandeiras políticas e sociais, pode ser um veneno para a mulher desavisada dos seus grandes deveres espirituais na face da Terra. (...)” (08)

“(...) A desigualdade social é o mais elevado testemunho da verdade da reencarnação, mediante a qual cada Espírito tem sua posição definida de regeneração e resgate. Nesse caso, consideramos que a pobreza, a miséria, a guerra, a ignorância, como outras calamidades coletivas, são enfermidades do organismo social, devido à situação de prova da quase generalidade dos seus membros.

Cessada a causa patogênica com a iluminação espiritual de todos em Jesus Cristo, a moléstia coletiva estará eliminada dos ambientes humanos.” (07)

A MULHER ANTE O GRISTO

Toda vez nos disponhamos a considerar a mulher em plano inferior, lembremo-nos dela, ao tempo de Jesus.

Há vinte séculos, com exceção das patrícias do Império, quase todas as companheiras do povo, na maioria das circunstâncias, sofriam extrema abjeção, convertidas em alimárias de carga, quando não fossem vendidas em hasta pública.

Tocadas, porém, pelo verbo renovador do Divino Mestre, ninguém respondeu com tanta lealdade e veemência aos apelos celestiais.

Entre as que haviam descido aos vales da perturbação e da sombra, encontramos em Madalena o mais alto testemunho de soerguimento moral, das trevas para a luz; e entre as que se mantinham no monte do equilíbrio doméstico, surpreendemos em Joana de Cusa o mais nobre expoente de concurso e fidelidade.

Atraídas pelo amor puro, conduziam à presença do Senhor os aflitos e os mutilados, os doentes e as crianças. E, embora não lhe integrassem o círculo apostólico, foram elas — representadas nas filhas anônimas de Jerusalém — as únicas demonstrações de solidariedade espontânea que o visitaram, desassombradamente, sob a cruz do martírio, quando os próprios discípulos debandavam.

Mais tarde, junto aos continuadores da Boa-Nova, sustentaram-se no mesmo nível de elevação e de entendimento.

Dorcas, a costureira jopense, depois de amparada por Simão Pedro, fez-se mais ativa colaboradora da assistência aos infortunados. Febe é a mensageira da epístola de Paulo de Tarso aos romanos. Lídia, em Filipos, é a primeira mulher com suficiente coragem para transformar a própria casa em santuário do Evangelho nascituro. Lóide e Eunice, parentas de Timóteo, eram padrões morais da fé viva.

Entretanto, ainda que semelhantes heroínas não tivessem, de fato existido, não podemos olvidar que, um dia, buscando alguém no mundo para exercer a necessária tutela sobre a vida preciosa do Embaixador Divino, o Supremo Poder do Universo não hesitou em recorrer à abnegada mulher, escondida num lar apagado e simples...

Humilde, ocultava a experiência dos sábios; frágil como o lírio, trazia consigo a resistência do diamante; pobre entre os pobres, carregava na própria virtude os tesouros incorruptíveis do coração, e, desvalida entre os homens, era grande e prestigiosa perante Deus.

Eis o motivo pelo qual, sempre que o raciocínio nos induza a ponderar quanto à glória do Cristo — recordando, na Terra, a grandeza de nossas próprias mães —, nós nos inclinaremos, reconhecidos e reverentes, ante a luz imarcescível da Estrela de Nazaré. (09)

* * *

FONTES DE CONSULTA

- 01 - KARDEC, Allan. Bem-aventurados os aflitos. In:_. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Trad. de Guillon Ribeiro. 112. ed. Rio [de janeiro]: FEB, 1996. Item 04, pág. 98.
- 02 - Da Lei de Igualdade. In:_. O Livro dos Espíritos. Trad. de Guillon Ribeiro. 76. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Perg. 806, págs. 376-377.
- 03 - Perg. 817, pág. 380.
- 04 - Perg. 820 e comentário. Págs. 380-381.
- 05 - Perg. 822, pág. 381.
- 06 - AGUAROD, Angel. O problema social. Desigualdades sociais. In:_. Grandes e Pequenos Problemas. 3. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1976. Pág. 174.
- 07 - XAVIER, Francisco Cândido. In:_. O Consolador Ditado pelo Espírito Emmanuel. 15. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1991. Perg. 55, pág. 45.
- 08 - Perg. 67, pág. 53.
- 09 - XAVIER, Francisco Cândido. In:_. Religião dos Espíritos. Pelo Espírito Emmanuel. 10. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Págs. 131 -1 32.